



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ARQUIVOLOGIA E MEDIAÇÃO: AGENCIAMENTOS E VISIBILIDADES PELO SABER/PODER/FAZER

ARCHIVAL STUDIES AND MEDIATION: ASSEMBLAGE AND VISIBILITY BY THE RELATION TO KNOW/POWER/TO DO

Maira Cristina Grigoletto¹, Taiguara Villela Aldabalde²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este trabalho trata a questão da mediação cultural e da informação no âmbito da Arquivologia. Resultado de estudos teóricos e da experiência no ensino-aprendizagem na graduação em Arquivologia aborda as formas e os limites de/para a visibilidade da mediação como objeto desta subárea da Ciência da Informação. Parte da hipótese de que este reconhecimento (interno e externo) se configura pelas condições e formas por meio das quais os objetos começam a ser apropriados/tratados pela Arquivologia. Indica para a reflexão os entendimentos sobre os agenciamentos e dispositivos a partir dos quais se configuram as possibilidades de construção de habilidades e competências de/para interiorização de um saber/poder/fazer da Arquivologia a partir e sobre a mediação. Com fundamento na Teoria do Documento, dialoga com as atuais perspectivas para a construção de conhecimentos na Ciência da Informação. Conclui que há uma correlação entre as distintas abordagens nas práticas de mediação e os diferentes entendimentos sobre os objetos da Arquivologia de forma que a mediação cultural e da informação está para este campo pela apropriação do saber e fazer arquivístico e para o saber e fazer arquivístico.

Palavras-chave: Mediação Cultural. Mediação da Informação. Arquivologia. Saber/poder/fazer.

Abstract: This article treats the cultural mediation and information question within the Archives

¹ Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

² Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

Studies. Resulting of theoretical studies and the experience in the teaching-learning in the Archives Studies graduation, the text addresses the forms and the limits of/to a visibility of the mediation as an object in this Information Science subarea. It starts of the hypothesis that this recognition (intern and externally) configures by the conditions and forms from which the objects start to be appropriated/treated by Archives Studies. It sheds light to a reflection the comprehension about the agencies and devices from which configure the possibilities to construct the skills and competencies of/to the internalization of the to know/power/to do of the Archives Studies since the and on the mediation point of view. Based in the Document theory, it dialogues with the recent perspectives to the construction of knowledges in the Information Science. The conclusion points that there is a correlation between the different approaches in the practices of mediation and the diverse comprehensions about the objects of the Archives Studies in a way that cultural and information mediation is in this field by the incorporation of archives studies to know/to do and to the Archives Studies to know/to do.

Keywords: Cultural Mediation. Information Mediation. Archives Studies. To know/power/to do.

1 INTRODUÇÃO

[...] “conhecimento” não é algo que possa ser descrito por si mesmo ou por oposição à “ignorância” ou “crença”, mas apenas por meio do exame de todo um ciclo de acumulação: como trazer as coisas de volta a um lugar para que alguém as veja pela primeira vez e outros possam ser enviados para trazer mais outras coisas de volta (LATOURET, 2000, p.357).

A questão da mediação cultural e da informação no âmbito da Arquivologia tem sido objeto de reflexão e desenvolvimento de estudos que, além de indicarem a necessidade de melhor aprofundamento teórico, apresentam subsídios para tal fundamentação.

Se a mediação ocupa um lugar/tempo/espaço de reconhecimento e visibilidade na área da Ciência da Informação e nas subáreas Biblioteconomia e Museologia, no Brasil este movimento está em processo de consolidação também na esfera da Arquivologia.

Os caminhos percorridos pelas referidas subáreas da Ciência da Informação para a incorporação da mediação como campo autônomo de estudo podem ser acompanhados por meio dos saberes e fazeres de cada esfera; a partir de pontos de referência e historicidades diversas. Deste modo, considera-se relevante pontuar as formas, os limites, o saber, o poder e o fazer a partir e sobre a mediação no âmbito da Arquivologia. Além disso, apontar considerações sobre tal forma de observação, cujo cerne está assentado nos agenciamentos possíveis do saber/poder/fazer arquivístico no âmbito do ensino-aprendizagem na graduação em Arquivologia.

Portanto, o pano de fundo das indagações apresentadas neste trabalho foram as ações desenvolvidas no âmbito da disciplina Mediação e Acesso à Informação Arquivística, da

Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), entre os anos de 2014 e 2016. As atividades desta disciplina culminaram em práticas de mediação que resultaram em produtos culturais, direcionados a diferentes espaços relacionais. Neste cenário, destacam-se dois produtos: a Exposição “Registros: memória(s) e identidade(s)” e o *Workshop* “Mediação Cultural e da Informação: aproximações educativas”.

A Exposição “Registros: memória(s) e identidade(s)”, organizada no Cartório de Registro Civil e Tabelionato Sede da Comarca de Linhares/ES, teve sua abertura para o público no dia 05 de dezembro de 2014. Este produto foi resultado do tratamento dos interesses dos gestores de ampliar a função social do cartório e dar visibilidade aos primeiros livros de registros civis (nascimento, casamento e óbito). Ao longo da elaboração e desenvolvimento desta atividade foi possível a reflexão sobre a função social do arquivista e a experimentação de uma prática de mediação cultural e da informação, pelo viés educativo, sendo os alunos agentes nos processos de (re)significação do cartório.

O *Workshop* “Mediação Cultural e da Informação: aproximações educativas”, realizado no dia 15 de junho de 2016, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foi o produto de um projeto coletivo que surgiu do interesse de tratar a mediação cultural e da informação pelo viés da ação cultural. A partir da proposta de ampliar os entendimentos sobre os saberes e fazeres dos processos de mediação da informação buscou-se o diálogo com concepções de saber e modos de fazer presentes no campo da mediação cultural. Deste modo, foram elaboradas ações para mediar entendimentos do campo da Arquivologia (importância, objeto, objetivos, funções). Além disso, constituiu um espaço/tempo/lugar para: fundamentar os modos possíveis de fazer do agente mediador arquivista; observar, pela ação, as formas e meios pelos quais pode ser estruturada a interação entre diferentes interlocutores com o universo da Arquivologia; e possibilitar diálogos e trocas de experiências entre profissionais, discentes e docentes sobre os processos de mediação cultural e da informação no âmbito dos arquivos e da Arquivologia.

Estes encaminhamentos são relevantes porque a discussão desenvolvida não está dissociada da realidade institucional, dos agentes e das formas possíveis de interações. O que significa que a discussão teórica a seguir pretende subsidiar, pelo menos em certa medida, o agenciamento do ensino-aprendizagem na ação de dar sentido ao(s) saber(es)/poder(es)/fazer(es) por meio da percepção relacional do lugar da mediação na Arquivologia.

2 A MEDIAÇÃO NA ARQUIVOLOGIA: FORMAS E LIMITES DE/PARA

VISIBILIDADE

Almeida Júnior (2016), em entrevista concedida à Revista InCID, menciona que existe uma mudança no atual entendimento hegemônico do objeto da área da Ciência da Informação, qual seja, da informação registrada para a mediação da informação. Por meio desta colocação e da análise de algumas obras do autor, é possível a ampliação desta proposta para os entendimentos dos processos de interiorização e apropriação dos saberes e fazeres a partir e sobre os objetos desta área: informação registrada e mediação da informação.

Em se tratando da Arquivologia, aloca-se tal questão sobre os saberes e fazeres a partir e sobre o arquivo, documento, documento de arquivo, documento arquivístico, informação, informação arquivística, mediação cultural, mediação da informação e tantos outros possíveis. Por meio desta perspectiva, o que entra em questão são as possibilidades de agenciamentos sobre tais objetos, levando em conta os aspectos materiais e imateriais que permeiam as formas e os limites para a interiorização e apropriação destes. Em outros termos, de que maneira é possível entender e tratar os objetos, tanto da Ciência da Informação quanto da Arquivologia, a partir de sua condição processual e circunstancial. Mais, de que maneira a ampliação do entendimento dos objetos destes campos é resultado dos percursos que levam a aproximação, interiorização e apropriação destes para elevá-los à condição de objetos reconhecidos e validados para tratamento.

Um caminho para abordar tais possibilidades é o diálogo com as propostas de Oswaldo Francisco de Almeida Júnior em alguns de seus trabalhos e orientações. Ao logo do percurso para a construção de entendimentos sobre os processos de mediação, o autor configura a noção de protoinformação. Almeida Júnior (2007) defende que as áreas da Ciência da Informação não tratam a informação, mas uma possível informação, em estado latente ou, como passou a denominar, uma protoinformação; cujo conceito aponta para a não existência da informação *a priori*.

Esta enunciação foi possível de ser pronunciada, e pode ser mais bem apreendida, com base dos estágios/estados da informação elaborados por Buckland (1991): informação como processo, informação como conhecimento e informação como coisa.

Almeida (2007), ao analisar as pontuações de Buckland (1991), indica a atenção especial que o autor direciona a informação como coisa, por ser tratável por sistemas de informação. Além disso, pontua que, na proposta de Buckland, os indivíduos são informados não somente pela comunicação intencional, mas por meio do contato com os objetos. Segundo Almeida (2007), Buckland

sabe que, concretamente, a “informação como coisa” se constitui a partir de relações e interações com os movimentos da “informação como processo” e da “informação como conhecimento” (ALMEIDA, 2007, Não paginado).

A elaboração de Buckland (1991) permite interseções com as abordagens referentes à informação subjetiva, objetiva e objetiva social. Aproxima-se das fundamentações de Terry Cook (1998; 2001) sobre as mudanças na forma de tratamento dos objetos da área da Ciência da Informação e da subárea Arquivologia; além das considerações do autor sobre a importância do contexto por trás do texto. Dialoga com as abordagens da Arquivística Integrada, da Arquivística Funcional e da Teoria do Documento, nas propostas do *continuum* e do *vir a ser* dos objetos.

Como apresentado por Rabello (2009), é possível sintetizar as noções em torno da informação em três dimensões: objetiva, subjetiva e objetiva social. A primeira estaria ligada à informação objetiva, cuja ênfase está colocada no dado e no processo comunicativo. A segunda seria a da informação subjetiva, embasada na interpretação do indivíduo isolado (profissional da informação e usuário) com relação aos elementos informativos. Já a terceira dimensão, apresenta ideias em torno da informação objetiva social, aquela materializada e contextualizada em um sistema de informação documental; uma informação que terá valor institucional e socialmente atribuído.

Ferreira e Almeida Júnior (2013, p.164), ao tratarem a questão da mediação, apresentam que é lícito afirmar que o arquivo carrega, dentre várias funções, a de “garantir que a informação (protoinformação) contida em seus conjuntos documentais possa contribuir para a sociedade”. Por meio da interface com a Arquivística, os autores apresentam as colocações de Cook (1998) quanto à mudança nas práticas de tratamento dos conjuntos de documentos por parte dos arquivistas, que teriam saído da passividade para serem sujeitos ativos.

Na mesma proposta de diálogo, Lousada e Almeida Júnior (2012) apresentam que a mudança de perspectiva nos fundamentos da Arquivística, pelo viés pós-moderno, pode ser observada por meio das características de seu objeto, objetivos e métodos. Os autores pontuam, com base em Cook (2001), que houve uma transformação dos arquivistas de meros “guardiões de uma herança documental para agentes intermitentes, que determinam padrões de preservação, de gestão e acesso, selecionando somente uma parcela do grande universo de informações” (LOUSADA; ALMEIDA JÚNIOR, 2012, p.271).

Outro ponto destacado por Lousada e Almeida Júnior (2012) é a noção do contexto por trás do texto, conforme apresentado por Cook (2001), que fundamenta o deslocamento do

olhar sobre os objetos para o contexto de produção, significação e apropriação destes em ambientes e ambiências delimitadas; reconhecidas e validadas sócio, histórico e culturalmente.

Essas mudanças paradigmáticas alocam a ideia da “informação como coisa”, no cenário das transformações da década de 2000, possibilitando “o deslocamento de um olhar privilegiado sobre a informação, para a materialidade do documento” (MURGUIA, 2010, p.123). Frohmann (2009), ao revistar as análises de Buckland (1991) sobre o que é o documento, apresentou que tão importante quanto definições e delimitações de conceitos é o contexto de produção dos documentos, os processos de documentar. Tais questões permitem o pensamento sobre as possibilidades dos objetos quando alocados a partir dos agenciamentos da mediação como uma condição processual e circunstancial.

Embora a noção de protoinformação possa gerar discordâncias, acredita-se que tal enunciação é um ponto a partir do qual se pode pensar a ampliação dos entendimentos sobre os objetos da Ciência da Informação e da Arquivologia. Ou seja, a noção de protoinformação pode ser entendida como um dispositivo, um gatilho para atentar sobre as condições a partir das quais alguns elementos começam a emergir e serem apropriados como objetos dos referidos campos.

Para Gerônimo e Santos Neto (2014, p.299),

a mediação da informação no âmbito da CI, pode ser concebida como seu objeto de estudo, já que várias áreas tomam como objeto a informação, e sendo essa, um fenômeno complexo e de difícil definição [...]. Com isso, é válido que os estudos referentes à Mediação da Informação sejam aprofundados em todos os ambientes informacionais (Arquivos, Centros de Documentação, Bibliotecas e Museus), já que essas subáreas compartilham de concepções que advém da CI.

Essas ideias dialogam com a concepção de *vir a ser* de um objeto de estudo, que não é um elemento *a priori*, mas construído a partir de agenciamentos que se concretizam por meio de procedimentos de mediações. Tal construção é de ordem perspectiva, pois possui uma história que leva a perceber tal emergência dadas as circunstâncias em que esta está inserida, criando condições para gerar ações e fundamentar certo *status*.

Segundo Almeida (2007, Não paginado), ao longo da década de 1980, houve a produção de pesquisadores, na América Latina e no Brasil, vinculados “a perspectiva que vê a cultura como um processo de construção da hegemonia”. Sua hipótese é a de que “esteja aí um dos pontos de partida da construção dos conceitos de mediação cultural e de mediação da

informação”. O autor, pensando no contexto cultural e político das classes populares, pelo viés dos traços do intelectual orgânico gramsciano, apresenta as reflexões Jesús Martín-Barbero (1993) sobre o papel de um mediador cultural.

Para Martín-Barbero (1993, p.34 apud ALMEIDA, 2007, Não paginado) houve, na década de 1980, uma transformação na comunicação cultural que, de intermediária entre criadores e consumidores, passou a reconhecer a sua tarefa mediadora. Como mediadora, atuaria para eliminar as “barreiras e as exclusões simbólicas, no deslocamento do horizonte informativo das obras para as experiências e as práticas e na desterritorialidade das múltiplas possibilidades da produção cultural”. A proposta apresentada por Martín-Barbero não era “a de uma política que abandone a ação de difundir ou dar acesso às obras e, sim, a de crítica a uma política que faz da sua difusão o seu modelo e forma”.

Por meio da última colocação, indica-se para reflexão a hegemonia, que parece estar em construção, em torno do objeto mediação. De contra hegemonia, a mediação como objeto da Ciência da Informação tem adquirido um espaço/tempo/lugar hegemônico pelo quantitativo experimental, de produção científica e de visibilidade adquirida pela maneira como foi incorporada e tratada por alguns campos. Estes fatores (cor)respondem às dinâmicas políticas, às formas e aos modelos do cientificismo e da produção correlata. Todavia, o que se coloca para discussão é a incorporação de certo discurso hegemônico nos trabalhos/movimentos que propõem tratar a mediação no contexto arquivístico (ALMEIDA, 2007; HALL, 2003).

A afirmação da necessidade de maior aprofundamento e fundamentação da mediação no âmbito da Arquivologia tem sido um imperativo em trabalhos que buscam incorporar a mediação como objeto (LOUSADA; ALMEIDA JÚNIOR, 2012; FERREIRA; ALMEIDA JÚNIOR, 2013). Contudo, estes têm apresentado, em suas elaborações, elementos que sustentam a existência/inserção, a representação, a fundamentação e a prática da mediação cultural e da informação no campo da Arquivologia por meio de suas bases teóricas e epistemológicas.

O que se coloca, com base em reflexões realizadas a partir de Foucault (2003; 2008), é que as *epistemes* jurídica, administrativa, histórica e científica sustentam a inserção e funcionalidade da mediação no campo da Arquivologia dentro de relações e interações próprias das esferas culturais e informativas às quais responde. Para Bourdieu (1996), a *epistème* (ordem cultural) deve ser tratada em relação aos agentes e instituições que levam à sua existência. Para o autor,

Tratar-se-ia de examinar, para cada uma das configurações históricas consideradas, de um lado as homologias estruturais entre campos diferentes, que podem ser o princípio de encontros ou de correspondências que não devem nada ao empréstimo, e do outro lado as trocas diretas, que dependem, em sua forma e em sua própria existência, das posições ocupadas, em seus campos respectivos, pelos agentes ou as instituições que Ihes dizem respeito, portanto, da estrutura desses campos, e também das posições relativas desses campos na hierarquia que se estabelece entre eles no momento considerado, determinando todas as espécies de efeitos de dominação simbólica (BOURDIEU, 1996, p.227).

A ampliação das abordagens sobre a questão da mediação no âmbito da Arquivologia também pode ser verificada em trabalhos que tratam sobre a importância e funcionalidade de práticas culturais nos processos de mediação (GRACIANO; BIZELLO, 2014; ALDABALDE, 2015). Estes estudos destacam dispositivos e ferramentas presentes nos agenciamentos dos processos de mediação, apontando para os agentes, instituições, gestões e historicidades. Observa-se que tais agenciamentos criam as condições para que o pressuposto do atendimento ao princípio da função social (educativo e cultural) seja contemplado.

Gerônimo e Santos Neto (2014, p.301), ao refletirem sobre a mediação da informação no contexto da Arquivística Integrada, inferem que tal discussão é importante e possível, “pois nas potencialidades teóricas dessa nova corrente da arquivística, reconhecemos as possibilidades de pensar várias interferências dentro do arquivo”. Conforme indicam,

Na abertura que a Arquivística Integrada proporciona, de modo a pensar em conjunto todas as fases do arquivo, é possível estabelecer a mediação da informação arquivística de forma plena, isto é em todo o processo informacional dentro do arquivo (produção, tramitação e uso dos documentos de arquivo), o que permite identificar a mediação em todos os processos e práticas do profissional arquivista (com interferências do contexto social), bem como questões que abarcam os usuários (GERÔNIMO; SANTOS NETO, 2014, p.301).

Os autores pontuam que são poucas as pesquisas que buscam abordar a relação entre a Arquivologia e a mediação da informação, mas que é notável a iniciativa de alguns pesquisadores em perceberem os profissionais arquivistas como mediadores e a Arquivologia “como um campo integrado, cujas práticas e processos estão relacionados com aspectos sociais” (GERÔNIMO; SANTOS NETO, 2014, p.302).

Segundo Gerônimo e Santos Neto (2014, p.303), a Arquivística Integrada apresenta o objetivo de encorajar e direcionar as discussões da Arquivologia “de forma ampla, de modo a expandir e inserir a mediação da informação arquivística”. Outro ponto destacado por eles é que, além de se compreender o papel que o usuário deve ocupar na instituição de arquivo, é

importante atentar-se para as “ações que competem ao profissional arquivista”; do mesmo modo que para as “suas interferências no momento do tratamento da informação”.

Por meio destas colocações, inicia-se a compreensão das formas e dos limites a partir dos quais a questão da mediação cultural e da informação pode ser observada no âmbito da Arquivologia. Considera-se, preliminarmente, que esta aproximação se estabelece para além das necessidades de aprofundamento de questões teóricas, epistemológicas e práticas, mas como forma de alargamento das possibilidades dos objetos. Ou seja, fundamenta-se nas condições e nas formas por meio das quais os objetos começaram a ser pensados e tratados pela Arquivologia. Enfim, a mediação passa a ser “incorporada” na esfera da Arquivologia como dispositivo do saber e fazer arquivístico e para o saber e fazer arquivístico.

Deste modo, a mediação cultural e da informação é plausível na Arquivologia não somente para instrumentalizar os fazeres arquivísticos, mas porque se acomoda a todo o *corpus* do saber/poder/fazer deste universo. Percebe-se, pela literatura da Ciência da Informação sobre a mediação, que alguns campos enfatizam a questão cultural e da informação como um procedimento de/para interação sócio, educativa e cultural. Concebe-se, entretanto, que no âmbito da Arquivologia, a questão da mediação cultural e da informação pode ser verificada desde suas bases teóricas, epistemológicas e funcionais.

Mediante esses encaminhamentos, é importante destacar alguns pontos: fundamentação, experimentação e visibilidade. Talvez, a questão do objeto “mediação” na Arquivologia seja uma condição processual (formas e limites) para a alocação de proposições/reconhecimentos/validações internas e externas.

3 DISCUTINDO O SABER/PODER/FAZER A PARTIR E SOBRE A MEDIAÇÃO: AGENCIAMENTOS POSSÍVEIS NA ARQUIVOLOGIA

A questão das formas e limites para a alocação (interna e externa) de proposições/reconhecimentos/validações da mediação no âmbito da Arquivologia foi estruturada com base em reflexões advindas de Foucault (2003; 2008) e Frohmann (2004). As abordagens destes autores, pelos encaminhamentos deste trabalho, induzem, em certos aspectos, aproximações com análises realizadas por Bourdieu (1996; 2004). Em certa medida, por se tratar de um trabalho teórico e epistemológico que traz como pano de fundo o olhar sobre práticas de mediação (cultural e da informação).

A opção teórica de base para a condução desse estudo (Michel Foucault e Bernd Frohmann) não impossibilita diálogos com autores que tratam a mediação a partir de Pierre Bourdieu, nem mesmo com algumas reflexões deste autor. O que sustenta a coerência deste

trabalho, que propõe sugerir reflexões acerca de certa hegemonia em torno do tratamento da mediação e indicar caminhos possíveis para tais; encaminhamentos que encontram fundamento nos estudos de Hall (2003).

Concebe-se importante alocar algumas questões, bem como termos e expressões, que possam gerar certas inferências, para que, posteriormente, diálogos com autores que tratam a mediação possam ser estabelecidos. O primeiro ponto a ser considerado é com relação as noções de “arte”: “arte de governar” (FOUCAULT, 2008) e “regras da arte” (BOURDIEU, 1996). O segundo, coloca-se na alocação dos usos dos termos saber/poder/fazer.

Com referência nas configurações de Foucault (2008) sobre a “arte de governar”, coloca-se para a discussão as formas e os limites no sentido de auxiliar na identificação da importância que subjaz das formulações/incorporações de certos objetos, neste caso, a mediação, em um campo/ambiente/ambiência delimitada. Em outros termos, a maneira como as práticas de mediação, no campo da Arquivologia, permitem a observação de diferentes objetos, regras e objetivos com a finalidade de melhor governar, administrar, gerenciar. Isso aponta para a observação da racionalização das práticas de mediação em meio a diferentes formas de exercícios de poder(es); o que poderia ser verificado nas análises de Bourdieu (2004) no âmbito do poder temporal, institucional e institucionalizado.

Nos aspectos de Bourdieu (1996), as “regras da arte” se estabelecem a partir de relações, por exemplo, entre o campo literário e o campo do poder. Neste trabalho, coloca-se tais ponderações entre o campo da mediação e os campos do saber/poder/fazer, pelo viés da Ciência da Informação e da Arquivologia, conforme as acepções que assumiram pela apropriação das noções advindas de Foucault (2003).

Para Foucault (2003) poder e saber encontram-se firmemente arraigados; não se sobrepondo às relações de produção, ao contrário, encontram-se cravados muito profundamente naquilo que as constitui. Para tratar esta questão, o autor mostrou que o “sistema de inquérito”, na sociedade feudal, e o de “exame”, no âmbito do cientificismo, foram formas de poder/saber que funcionaram no processo de apropriação de bens; na sociedade feudal, da produção, e no mundo capitalista, do “sobre lucro”. Essas formas exerceram limites que disciplinaram o fazer em meio ao exercício de diferentes poderes: econômico, político, judiciário e, principalmente, epistemológico.

Nessa discussão, a construção proposta é a observação da mediação em meio a relações de poder dentro da perspectiva de uma microfísica do poder; ou, a partir de Bourdieu (2004), de um microcosmo. Isso porque entende-se que os vários estratos burocráticos de poder se estabelecem tanto em nível hierárquico governamental/institucional quanto pelas

práticas sociais e culturais – mesmo que não hierarquizadas, estatizadas, institucionalizadas ou normalizadas em primeiro momento.

A partir das propostas de Bourdieu (2004) é possível observar o arquivo como campo de produção cultural. Com relação ao mundo científico, considera-se as reflexões do autor quanto ao enfoque na produção cultural como resultado da relação entre texto e contexto, apontando para as estruturas das relações objetivas entre os agentes. A mediação pode, portanto, ser tratada como um poder temporal com a proposta de apontar para as possibilidades deste reconhecimento no campo da Arquivologia: a mediação como objeto de luta, tanto em sua representação quanto em sua realidade. Além disso, coloca-se para reflexão a prática, como forma de reconhecimento/construção de habilidades e competências, que podem proporcionar

autoridade e contribuir para definir não somente as regras do jogo, mas também suas regularidades, as leis segundo as quais vão se distribuir os lucros nesse jogo, as leis que fazem que seja ou não importante escrever sobre tal tema, que é brilhante ou ultrapassado (BOURDIEU, 2004, p.27).

Nestes aspectos, considera-se que realidades/representações diferenciais são possíveis desde que entendidas a partir dos dispositivos que impulsionam/acomodam/propulsionam agenciamentos. Tais agenciamentos puderam ser observados a partir de práticas de mediação em meio aos processos de ensino-aprendizagem no âmbito da graduação em Arquivologia. Delimitação esta que foi tratada como um laboratório experimental ou central de acúmulo e cálculo, tendo como base para esta observação os encaminhamentos propostos por Frohmann (2004) e Latour (2000), respectivamente.

No percurso do ensino-aprendizagem, o olhar sobre a mediação deslocou-se da necessidade de melhor fundamentação teórica para as formas de envolver o público (interno e externo) no universo cultural, de informações e vivências do campo da Arquivologia a partir do seu saber/poder/fazer (CRIPPA; ALMEIDA, 2011). Observa-se que a fundamentação ou consolidação da mediação cultural e da informação na Arquivologia é possível de ser construída por caminhos diferenciais, os quais conduzem ao reconhecimento e interiorização das potencialidades dos processos de mediação; seja com ênfase nos aspectos técnicos, teóricos, epistemológicos ou mesmo formativos, educacionais e culturais.

Nestes aspectos, Crippa e Almeida (2011, p.193) permitem a observação de que as práticas de mediação implicam em um “conjunto de operações e decisões que demandam, além da capacidade técnica dos mediadores, sensibilidade cultural e certo grau de habilidades

criativas”. Os autores conduzem o interlocutor para os itinerários das metodologias e práticas informacionais, apontando para a centralidade que os processos de mediação foram adquirindo na sociedade contemporânea. Permitem também a alocação da problemática sobre os elementos necessários para se (re)pensar a função política da mediação e dos mediadores dentro dos processos sociais e culturais (informacionais, educativos, comunicacionais, etc). Pelo viés dos processos educacionais, indicam que é possível vislumbrar novos desafios. Como tratado pelos autores, a percepção da mediação

como ação educativa que se estabeleceu hegemonicamente prioriza algumas modalidades de informação, de tipos de leitura e de práticas de intermediação cultural legitimadas pelo *status quo*, em detrimento de outras, que valorizaram o estabelecimento de vínculos orgânicos dos sujeitos com conhecimento prático, racional e técnico. Enquanto essa primeira concepção se satisfaria com a assimilação e não com a apropriação da cultura artística e científica, desencadeando mediações e leituras esvaziadas, parece-nos fundamental refletir sobre este ponto de vista, quando se tem em vista uma real inserção dos sujeitos na cultura (CRIPPA; ALMEIDA, 2011, p.203).

Varela, Barbosa e Farias (2014, p.147) apresentam que “a mediação pedagógica promove o significado dos processos e conteúdos educacionais, assim como estimula a construção de conhecimentos relacionais e contextuais, originados na própria relação”. Os autores consideram a complexidade desta mediação, afirmando que esta

deve se fundamentar numa práxis dialógica e numa relação multilateral dos diversos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, relação que se dá na intersubjetividade e na intra-subjetividade, ou seja, interagindo e internalizando a aprendizagem de modo significativo (VARELA; BARBOSA; FARIAS, 2014, p.148).

Neste sentido, a mediação não é observada apenas como uma estratégia em direção à interação social, pois no contexto da mediação está implícita a noção de poder: “o poder pelo conhecimento, pela competência, pelo respeito, pela credibilidade, pela crença, enfim, pelos valores sociais e humanos” (VARELA; BARBOSA; FARIAS, 2014, p.164). Na perspectiva dos processos educacionais, a mediação subsidia a aprendizagem e os agentes (mediador e mediado) exercitam diferentes trajetórias cognitivas. Como Varela, Barbosa e Farias (2014, p.164-165) concluem,

A integração do profissional da informação ao processo educativo é, portanto, fator de sucesso em qualquer intervenção na sociedade. Ele atua como agente mediador e como aprendiz, construindo um espaço de

expressão numa organização que também aprende – os centros de informação – valorizando o diálogo, democratizando o acesso à informação planejando estrategicamente.

O sujeito, estudante de Arquivologia e/ou profissional arquivista, se insere em um campo de construções e representações possíveis em meio a agenciamentos que, neste trabalho, se colocam nos processos de ensino-aprendizagem em uma via de mão dupla. Na primeira proposta de relações, nos processos de mediação cultural e da informação de/para apropriação dos saberes e fazeres arquivísticos, bem como da aceitação/reconhecimento/incorporação da ideia do arquivista como mediador. Na segunda via, observam-se as relações para com os saberes e fazeres arquivísticos.

A partir desta proposta, trata-se, portanto, de colocar a questão da mediação cultural e da informação no âmbito da Arquivologia pelos agenciamentos do ensino-aprendizagem para a transformação de uma cultura arquivística pautada em certo olhar sobre os objetos. Destaca-se, assim, os processos, os saberes e os fazeres sobre os objetos em direção à sensibilização dos sujeitos/agentes em diferentes ambientes de mediação (relações e interações). Considera-se, deste modo, que os objetos são produtos científicos, culturais e sociais, mediados por sujeitos/agentes, em meio a agenciamentos da mesma natureza.

Nesse sentido, as aproximações educativas para o tratamento dos saberes e fazeres a partir e sobre os objetos da Arquivologia vêm na perspectiva de humanização e sensibilização do estudante/técnico/profissional. Cabe destacar que por humanização e sensibilização entende-se o desenvolvimento de habilidades e competências para a interiorização e a exteriorização destes saberes e fazeres; o saber/poder/fazer a partir e sobre a mediação no âmbito da Arquivologia.

Lopes e Bortolin (2014, p.311) apresentam que os estudos da mediação no Brasil são um reflexo sociocultural. Deste modo, indicam que a mediação não precisa, necessariamente, “ser institucionalizada como um serviço”. As considerações dos autores é que tanto a mediação quanto a identidade fazem parte de uma construção social do indivíduo. Apresentam, ainda, que a formação do eu social é um processo de mediações de informações, são atos de trocas de informações. Nestes termos, o profissional da informação deve se preocupar tanto em compartilhar e disseminar informações quanto em perceber o sujeito com quem compartilha. Ampliando esta visão, infere-se que este profissional deve também estar preocupado com as suas formas de percepção da realidade por ele tratada/representada em processos de mediação, sendo ele mesmo um sujeito (observador, mediado, aprendiz). Pelas

reflexões dos autores, apreende-se que a mediação e a identidade são construções sociais e culturais que ajudam

o sujeito a se encontrar no espaço social realizando uma troca com o meio, podendo entender que a mediação é esse momento de significação do real, da estrutura social que ele se encaixa, através da informação e do conhecimento ali agregado (LOPES; BORTOLIN, 2014, p.323).

Pinto e Gouvêa (2014, p.54), apresentam que não é mais possível “pensar na formação do cidadão crítico à margem do saber científico”. Destacam, ainda, que “o entendimento dos princípios básicos dos códigos científicos precisa se inserir na cultura como um todo”, contribuindo assim nos processos educativos.

Conforme tratado por Frohmann (2004), um saber científico, um produto do discurso científico, a coisa científica precisa ter por trás de si instituições, relações sociais, técnicas, laboratórios, etc. Em outras palavras, o produto científico tem relações próprias e uma cultura específica que permite sua validação, reconhecimento e visibilidade. Esse saber e seus aparatos, bem como os discursos produzidos sobre ele, são temporalmente difusos. Dessa maneira, a verdade científica é emergente, deferida, postergada para ser respondida e/ou finalizada no futuro.

Deste modo, os objetos da Arquivologia são um tipo de material temporal e espacialmente situado com um conjunto de inscrições incorporadas em tipos específicos de práticas científicas e culturais. Portanto, são produtos de um processo em constante construção da ciência em busca do conhecimento; são a materialização de uma determinada maneira de compreender, produzir e inscrever um saber temporalmente interpretado segundo dadas condições e contingências. Logo, o saber científico tem a capacidade de agenciar a maneira como se apreende e se representa a realidade. Já as práticas científicas operacionalizam uma gama de elementos necessários para a produção de estabilidade nos resultados de um laboratório experimental; que são incorporados e interligados a diferentes regras, interesses, agentes e instituições.

Com base nestas colocações, entende-se que no processo de ensino-aprendizagem são constituídos laboratórios experimentais, centrais de acúmulo e cálculo no espaço/tempo/lugar de uma instituição, nas propostas de uma disciplina, nos diálogos estabelecidos e nos produtos resultantes destas interações.

Pelas abordagens de Pinto e Gouvêa (2014), um produto cultural articula as relações entre tempo, lugar e espaço. Deste modo, observar as interações realizadas no âmbito do

ensino da mediação na graduação em Arquivologia permite colocar em destaque a forma como trata os pontos de referência deste campo; os saberes e fazeres sobre os objetos, tanto pela materialidade quanto pela imaterialidade a que estão expostos mediante os processos de mediação.

As conjunturas delineadas levam a observação do caráter educativo e das demandas correlatas presentes no processo de repensar o caráter social e cultural dos arquivos e da Arquivologia. Deste modo, a mediação cultural e da informação entram em cena na medida em que possibilitam articular a função social, as demandas educacionais, os processos culturais e os entendimentos sobre os arquivos, a Arquivologia e as suas relações com a sociedade.

Nesse sentido, a mediação pode ser entendida como um dispositivo no agenciamento de/para interligação entre materialidades e imaterialidades; objetos e processos. A mediação, praticada dentro e fora da Arquivologia e dos arquivos, coloca a ciência, o saber, o poder e o fazer por meio dos agenciamentos sobre os objetos, aproximando diferentes formas de apropriação e exteriorização destes pelo poder dos agentes.

Assim, percebe-se que diferentes espaços e tempos podem ser produzidos no interior de redes construídas para mobilizar, acumular, recombinar e representar o universo da Arquivologia e dos arquivos. Através desta cartografia, o distante fica próximo, fazendo com que as centrais de acúmulo e cálculo ou os laboratórios experimentais sejam tanto locais quanto os pontos reproduzidos e/ou combinados para introduzir o público em certo universo de informações e vivências. Deve-se considerar, entretanto, que essas associações/negociações são resultado de lutas constantes entre diferentes domínios de saber/poder/fazer em direção à consolidação ou reconfiguração de hegemonias, reconhecimentos e visibilidades sobre a mediação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se caminhou pelos territórios da mediação e da Arquivologia, se constatou a necessidade de traçar itinerários que levassem a (re)descobertas. No percurso para desvendar o oportuno interesse pela fundamentação desta vinculação, observou-se que era coerente tratar as formas e os limites para o reconhecimento, interiorização e visibilidade da mediação no lugar/espaço/tempo próprio da Arquivologia. De certa forma, (re)pensar e (re)alocar o olhar sobre os objetos.

Se a necessidade de melhor aprofundamento da mediação no âmbito da Arquivologia apresenta-se como um imperativo, esta foi abarcada pelos encaminhamentos teóricos,

epistemológicos, experimentais e práticos apontados para reflexão neste trabalho. Diretrizes que indicam olhares possíveis sobre o saber e o fazer arquivístico dentro de uma microfísica do poder: as formas como se exerce e agencia dentro, determinando o que pode ou não ser; e as formas como age de fora, exercendo ação direta sobre os objetos.

Assim observa-se que existe uma correlação entre os diversos entendimentos sobre os objetos da Arquivologia (conjunto de documentos, instituição arquivística, informação arquivística e patrimônio arquivístico-cultural) e as distintas abordagens nas práticas de mediação (mediação cultural, mediação da informação).

Conclui-se que seja preciso considerar miríades de variáveis incluindo os processos que levaram a presença da mediação na Arquivologia como resultado da incorporação do saber e fazer arquivístico e para o saber e fazer arquivístico. Isso significa descobrir uma gama de associações, mais fracas e mais fortes, entre instrumentos, ferramentas e deliberações para garantir estabilidade e materialidade a discursos, acordos, tensões e disputas que impactam a consolidação de hegemonias e contra hegemonias sobre o tema da mediação no âmbito da Arquivologia.

REFERÊNCIAS

ALDABALDE, T. V. **Mediação cultural em instituições arquivísticas: o caso do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. 2015. Tese (Doutorado Interinstitucional em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília; Universidade Federal do Espírito Santo, Brasília, 2015.

ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno do conceito. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, VIII ENANCIB, 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: PPGCI-UFBA, 2007. CD-ROM.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Entrevista: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.7, n.1, p.201-207, mar./ago., 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/113824/111696>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

BOURDIEU, P. **As regras das artes: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.129-149, 1998.

COOK, T. Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. **Archival Science**, n.1, p.3-24, 2001.

CRIPPA, G.; ALMEIDA, M. A. Mediação cultural, informação e ensino. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.13, n.1, p.189-206, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/etd/article/view/2048/2654>>. Acesso em: 14 jun. 2016

FERREIRA, L. E.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A mediação da informação no âmbito da arquivística. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.1, p.158-167, jan./mar., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v18n1/11.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção tópicos).

FROHMANN, B. **Deflating information**: from science to documentation. Toronto: University Press, 2004.

FROHMANN, B. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation**, v.65, n.2, p.291-303, 2009.

GERÔNIMO, M. B.; SANTOS NETO, J. A. A mediação no contexto arquivístico: reflexões acerca da arquivística integrada. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO - EPIM, 1., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2014. CD-ROM.

GRACIANO, M. E. T.; BIZELLO, M. L. O uso de atividades culturais na mediação da informação: um estudo no Instituto Fernando Henrique Cardoso. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO - EPIM, 1., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2014. CD-ROM.

HALL, S. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas; Estudos culturais e seu legado teórico. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 160-198 e 199-218.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOPES, F. C.; BORTOLIN, S. Mediação e identidade: construção do sujeito em ciência da informação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO - EPIM,

1., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento, Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2014. CD-ROM.

LOUSADA, M.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.. A Mediação da Informação e a Arquivística: Aproximações Teóricas. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Estudos avançados em Arquivologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p.259-274. Disponível em:

<http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/estudos_avancados_arquivologia.pdf>. Acesso em: 31 out. 2012.

MURGUIA, E. I. Documento e instituição: produção, diversidade e verdade. In: MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (Org.). **Documento: gênese e contextos de uso**. Niterói: EdUFF, 2010. p.123-140.

PINTO, S.; GOUVÊA, G. Mediação: significações, usos e contextos. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.16, n.02, p.53-70, mai./ago., 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epec/v16n2/1983-2117-epec-16-02-00053.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

RABELLO, R. **A face oculta do documento**: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação. 2009. 331f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A.; FARIAS, M. G. G. Mediação em múltiplas abordagens. **Informação & Informação**, Londrina, v.19, n.2, p.138–170, maio./ago. 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19998/pdf_23>. Acesso em: 14 jun. 2016.